

# A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE PEQUENA E AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE EM SÃO FELIPE/BA

## THE PRODUCTION OF SPACE IN THE SMALL CITY AND SOCIABILITY RELATIONS IN SÃO FELIPE/BA

**Maiara Cerqueira Leandro<sup>1</sup>**

### Resumo

Ao problematizar a produção do espaço da cidade pequena, destaca-se a necessidade de apreender as particularidades e contradições socioespaciais reproduzidas nesses pequenos centros urbanos, sem perder de vista as transgressões realizadas pelas práticas cotidianas e pelo vivido. O objetivo é discutir o processo de produção do espaço na cidade pequena articulado à análise das relações de sociabilidade e apropriação do espaço vivido em São Felipe<sup>2</sup>. Os procedimentos metodológicos pautaram-se na construção da discussão teórico-metodológica; uso de entrevista semiestruturada e questionários; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados. A pesquisa revelou que as relações de sociabilidade reproduzidas em São Felipe são compartilhadas entre os sujeitos de forma mais próxima e, mediadas por conflitos em meio às ambiguidades dos discursos e representações do vivido.

Palavras-chave: apropriação do espaço, espaço vivido, São Felipe/BA.

### Abstract

*When problematizing the production of space in the small town, there is a need to apprehend the particularities and sociospatial contradictions reproduced in these small urban centers, without losing sight of the transgressions carried out by everyday practices and by the lived. The objective is to discuss the process of production of space in the small town articulated to the analysis of the relations of sociability and appropriation of the space lived in São Felipe. The methodological procedures were based on the construction of the theoretical-methodological discussion; use of semi-structured interview and questionnaires; mapping, organizing and systematizing information; and, analysis of results. The research revealed that the sociability relations reproduced in São Felipe are more closely shared among the subjects, and mediated by conflicts amid the ambiguities of the discourses and representations of the lived.*

*Keywords: appropriation of space, lived space, São Felipe/BA.*

### Introdução

A problematização da produção do espaço no campo de análise da cidade pequena é o desafio que se apresenta neste trabalho, a fim de contribuir com reflexões teórico-metodológicas a propósito da (re)produção do espaço de São Felipe e as relações de sociabilidade na escala intraurbana. Destaca-se a importância da pesquisa por contribuir para o debate da realidade desse perfil de cidade, ao apontar reflexões críticas que visam apreender o processo de produção do espaço como algo complexo que apresenta suas particularidades e, ao mesmo tempo, dialoga com questões mais amplas reproduzidas na sociedade.

Deve-se considerar na análise, de acordo com Lefebvre (2008, p. 55), que “[...] toda sociedade produz ‘seu’ espaço, ou, caso se prefira, toda sociedade produz ‘um’ espaço”. Desse modo, cabe apreender o modo de vida urbano nas cidades pequenas em meio às contradições e particularidades que se complementam e/ou dissociam-se como reprodução espacial, marcada pelo processo de (re)produção das relações sociais que se realizam no espaço vivido, capaz de revelar as diferenças tanto estruturais quanto conjunturais, influenciadas pelas dinâmicas sociais presentes em cada tipologia de cidade (LEANDRO, 2020).

Portanto, a cidade de São Felipe, presente na problemática da pesquisa como o nível de análise da realidade, contribui com o estudo da produção do espaço em meio a análise das relações de sociabilidade como caminho metodológico para interpretação da dinâmica reprodutiva do espaço vivido. Ao problematizar como as práticas espaciais e as relações de sociabilidades se realizam no cotidiano, mediadas por formas de representação e conflitos que lhes são impostos normativa e/ou subversivamente pelas mudanças de uso do espaço.

São Felipe está localizada na região do Recôncavo Baiano. O município concentra população absoluta de 20.305 habitantes, desses, 9.820 pessoas correspondem à população urbana, e a população rural com 10.485 pessoas (IBGE, 2010). Trata-se de uma cidade com menos de dez mil habitantes, na qual as relações entre o campo e a cidade são completamente imbricadas. Com a concentração das atividades de comércio e serviços espacialmente no Centro, esse se torna o espaço codificado das práticas realizadas na cidade (centralidade das relações de troca, comercialização de mercadorias, valor de uso do espaço público etc.), especificamente, na praça central. Em São Felipe, assim como em várias cidades pequenas, é comum referir-se ao Centro apenas ao local da praça em torno da Igreja Matriz, onde estão localizados os serviços (sobretudo, públicos), o comércio, órgãos do poder municipal, instituições religiosas e opções de lazer (LEANDRO, 2020).

Busca-se, assim, pensar a cidade pequena em sua complexidade, considerando as relações entre forma-conteúdo e as particularidades que lhes são próprias, sem desconsiderar a influência com outras cidades como parte do processo de produção diante das novas relações espaço-tempo e mudanças na dinâmica urbana contemporânea. Realizar interpretações sobre a produção do espaço com aprofundamento das discussões sobre a cidade, o cotidiano e as relações de sociabilidades, suas transformações e tendências para compreensão da realidade.

Com relação aos estudos sobre os pequenos centros urbanos, atualmente, pesquisadores têm apresentado contribuições importantes a respeito da diversidade das relações de produção características desses espaços. Entre esses estudiosos, destacam-se as pesquisas realizadas por Endlich (2006), que explorou os papéis e

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, maiara-sf@hotmail.com.

<sup>2</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado da autora, realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

significados das pequenas cidades no Nordeste Paranaense; Moreira Junior (2014) realizou estudo sobre a dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re)produção do espaço das cidades pequenas na região metropolitana de Campinas – SP; Jurado da Silva (2011) abordou a questão das cidades pequenas e indústria, com foco na análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente – SP; Melo (2008) realizou análises sobre os conteúdos e considerações teórico-metodológicas das pequenas cidades na microrregião geográfica de Catalão – GO; Roma (2008), que trabalhou com o tema segregação socioespacial em cidades pequenas; Bernardelli (2004) que realizou a pesquisa sobre reprodução social e produção de moradias nas cidades pequenas da região de Catanduva – SP; entre outros.

A realização desses estudos com diferentes abordagens a propósito das cidades pequenas, suas funções urbanas, influência na rede urbana, diversidades de atividades produtivas e características diferenciadas quanto ao processo de formação espacial, contribuem para que novas reflexões sobre esses espaços urbanos possam ser desenvolvidas, sob outras perspectivas de análise da realidade presente em regiões não metropolitanas. Como no caso deste trabalho, que versa sobre o estudo de uma cidade pequena no Recôncavo Baiano (LEANDRO, 2020).

Destarte, o objetivo deste artigo é discutir o processo de produção do espaço na cidade pequena articulado à análise das relações de sociabilidade e apropriação do espaço vivido em São Felipe. Adotou-se a abordagem dialética para interpretação dos espaços do Centro e áreas segmentadas socialmente, de modo especial do *Bairro Urbis*, Loteamento Laranjeira e Rua Bevenuto Nóia *Jurema*. As etapas da pesquisa constituíram-se em: construção da discussão teórico-metodológica com debates sobre (re)produção do espaço da cidade, relações de sociabilidade e apropriação do espaço; pesquisa documental e *in loco*, como subsídios para a fundamentação da coleta de informações históricas e levantamento de dados sobre o objeto em estudo; instrumentos de coleta de dados com o uso de entrevista semiestruturada e aplicação de 100 questionários por domicílios; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados.

Além desta introdução e das considerações finais este artigo possui duas partes. A primeira apresenta discussão teórica sobre a produção do espaço da cidade pequena mediada pela análise da realidade empírica de São Felipe. Na parte seguinte, apresentam-se os resultados alcançados com relação a análise das relações de sociabilidade e apropriação do espaço vivido na cidade estudada.

### Reflexões sobre a produção do espaço na cidade pequena

A produção do espaço da cidade se realiza no plano da prática socioespacial e das formas espaço-tempo indissociáveis, como acumulação de tempos e possibilidade sempre renovada para realização da vida (CARLOS, 2001). Nessa perspectiva, busca-se traçar algumas interpretações a propósito de São Felipe, relacionada à outra dimensão de cidade, mas que se encontra articulada ao mesmo processo de produção e (re)produção da sociedade urbana. O diferencial encontra-se no modo como esse espaço urbano se reproduz, quais conteúdos estão presentes em seu cotidiano e como as práticas espaciais se realizam. Daí a necessidade de apreender as particularidades e contradições da produção do espaço nesses pequenos centros urbanos, sem perder de vista as transgressões realizadas pelas práticas cotidianas e pelo vivido.

Com o propósito de pensar a cidade pequena, suas características, particularidades em meio ao processo de produção do espaço e aspectos teórico-metodológicos, busca-se

neste tópico, contribuir com a discussão a respeito dessa temática sob a perspectiva crítica da abordagem dialética e do diálogo com a realidade empírica da cidade estudada. Visto que, problematizar a produção do espaço da cidade pequena não é uma tarefa fácil, sobretudo, porque são múltiplos os centros urbanos inseridos nesse perfil de cidade. Avançar nas discussões teórico-conceituais é o caminho necessário para compreensão dos processos de produção e reprodução desses espaços, de modo a superar a adjetivação da palavra *pequena* referente a essas cidades, no que se refere às abordagens limitadas que se reduzem a “[...] associação entre pequeno número de habitantes com pequena área – no sentido mensurável – ocupada por uma cidade” (FRESCA, 2010, p. 76).

Bacelar (2012) corrobora com a discussão ao ressaltar a ocorrência de pontual tratamento científico das pequenas cidades no âmbito da Geografia e a dificuldade nos estudos realizados sobre esses espaços, “[...] com a falta de entendimento do que se estuda: município ou cidade? [...]” (BACELAR, 2012, p. 81). Esses são alguns exemplos de abordagens limitadoras apresentadas à análise dessa temática, presentes em vários estudos, e que pouco contribuem para o entendimento do que são as cidades pequenas em meio a complexidade de suas relações socioespaciais. Ressalta-se, assim, a necessidade de superação das análises espaciais ligadas apenas ao tamanho e/ou quantitativo populacional como se, por si só, fossem capazes de revelar a realidade presente nesses espaços, sobretudo, porque:

[...] essa concepção engessa a discussão conceitual por se tratar apenas de uma definição ao compasso que é determinista, reduz a cidade a uma expressão numérica e não leva em conta a diversidade regional e os vários recortes espaciais que poderiam ser empreendidos (JURADO DA SILVA, 2011, p. 49-50).

Santos (2019, p. 77-78) com sua análise crítica chama atenção para as questões referentes aos parâmetros demográficos máximos ou mínimos utilizados por muitos autores para classificar as cidades pequenas, os quais se baseiam na informação de que segundo o IBGE, as cidades médias brasileiras seriam “aquelas que possuem entre 100.000 e 500.000 habitantes”<sup>3</sup>, o que “[...] leva alguns a compreenderem que, abaixo desse patamar, tudo seria cidade pequena [...]. Outros “recortes” demográficos estabelecem patamares menores para o limite máximo: 30.000, 20.000 e 10.000, sendo esses dois últimos os mais recorrentes”. De acordo com o autor:

[...]. Em um país como o Brasil, fora para interesses estatísticos de alguns órgãos, que aliás são relevantes, parâmetros demográficos máximos ou mínimos servem muito mais para dizer o que não é uma pequena cidade, do que, necessariamente, para conceituá-las. Tais parâmetros são úteis para caracterizar um conjunto de cidades que, numa dada formação socioespacial, têm determinados papéis e funções na rede urbana [...] (SANTOS, 2019, p. 79).

Portanto, é indispensável reflexão cuidadosa ao abordar essa questão e, como aponta Henrique (2010, p. 46), mais do que a classificação populacional que apenas definiria as cidades como de porte médio ou de pequeno porte “cabe o entendimento sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e suas formas”. Por sua vez, o

<sup>3</sup> “Apesar de bastante citada, esta informação não foi encontrada em nenhum documento disponível do IBGE” (SANTOS, 2019, p. 78).

desafio que se apresenta é entender a produção do espaço da cidade pequena do ponto de vista empírico e social, como realidade urbana complexa e de fundamental importância para os estudos urbanos contemporâneos.

Em conformidade com Fernandes (2018), os estudos acadêmicos precisam compreender o urbano brasileiro em totalidade, com inserção das cidades pequenas no debate, especialmente em função dos papéis urbanos desempenhados e sua inserção na rede de cidades. Como esclarece Sposito e Jurado da Silva (2013):

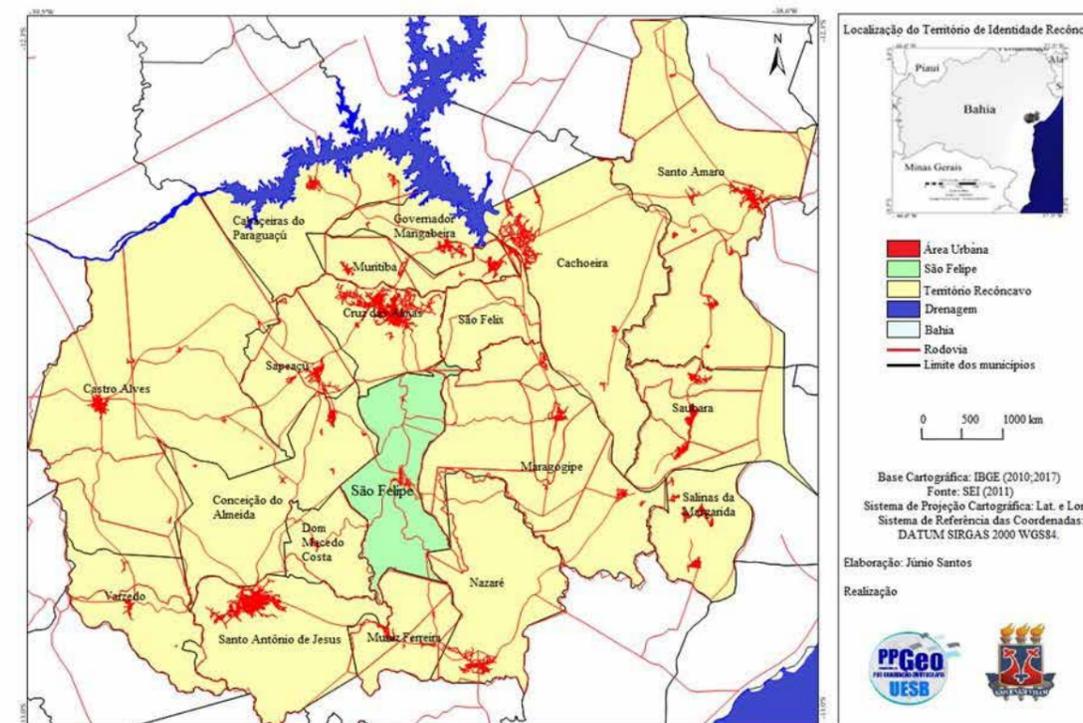
A cidade pequena em si não é um dado *a priori*, não deve ser analisada isoladamente; e sim no plano de suas relações com outros centros. Trata-se de uma construção social e coletiva, além de uma elaboração teórica e prática de membros da comunidade científica, a qual produz reflexões analíticas, algo consensual e/ou reconhecido/negado para a compreensão do urbano e da estruturação da sociedade (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 17).

Desse modo, deve-se considerar que as funções desempenhadas pelas cidades pequenas são variadas e a origem do processo de formação espacial se diferencia. Há, portanto, cidades pequenas que assumem papéis eminentemente agrícolas, outras com perfil industrial, turística, histórica, reservatório de força de trabalho, centros com grande poder econômico e alguns totalmente dependentes, pequenos centros urbanos com amplos estabelecimentos industriais e outros fortemente vinculadas à economia agrária (MOREIRA JUNIOR, 2014; JURADO DA SILVA, 2011).

No contexto de São Felipe, destaca-se a realidade de uma cidade pequena com sua especificidade de produção, consumo e reprodução do espaço urbano diretamente influenciado pelo setor primário. As atividades agrícolas desenvolvidas no município ainda representam a ocupação da maioria da população e impulsionam a vida comercial no centro urbano, juntamente, com as ocupações provenientes do comércio local e serviços (especificamente, públicos). Segundo dados do IBGE (2010), o percentual da população ocupada em São Felipe, por setor de atividade, corresponde: 55,67% no setor primário; indústria 3,56% e terciário 40,77%. Por sua vez, os maiores consumidores dos serviços oferecidos na cidade são os próprios moradores do espaço urbano e de seu entorno, mormente do espaço rural. Cabe ressaltar, que em São Felipe, em consonância com as afirmações de Moreira Junior (2014, p. 52) “[...] mesmo a especialização nos setores secundários e terciários, tem vínculos com o rural”.

São Felipe localiza-se no Território de Identidade Recôncavo do Estado da Bahia (Figura 1)<sup>4</sup>. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), o município tinha uma população de 20.305 habitantes em 2010 e, em 2020, a população estimada pelo instituto foi de 21.080 pessoas. Com população urbana de 9.820 pessoas (9.517 residentes na sede) e a população rural com 10.485 habitantes. Em contraposição às tendências do processo de urbanização vivenciado no Brasil nos últimos anos, a

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que não concordamos com essa nomenclatura *Território de Identidade* usada pelo Governo do Estado como proposta de regionalização. Utilizou-se apenas como recurso para destacar a localização de São Felipe. É importante ressaltar que essa forma de divisão territorial é uma imposição, que implica relações de poder e interesses bem definidos, principalmente, econômicos. Entretanto, a adoção do termo *identidade* abre espaço para alguns questionamentos: identidade de quê, para quem e como se representa? Afinal, é praticamente impossível representar a *identidade* de um território tão amplo e com particularidades tão diversas nos municípios que o compõem, na maioria das vezes com características que lhes são próprias e ao mesmo tempo tão distintas uma das outras. Destarte, no decorrer do texto será utilizada apenas a expressão Recôncavo Baiano.



concentração populacional nas áreas rurais de São Felipe ainda é predominante com relação à população urbana.

A relação campo-cidade é historicamente imbricada, e as atividades agropecuárias desenvolvidas no município mantêm a dinâmica do comércio local. Haja vista, que boa parte do setor terciário é sustentado pela administração pública (os serviços públicos). O aumento do valor agregado do PIB desse setor (em 2016 apresentou 75,58%), envolve além das atividades de comércio e pequenos serviços, certa dependência com relação aos grupos de aposentados e pensionistas com peso expressivo para a economia da cidade. Nesse contexto, entende-se porque o comércio em São Felipe é incipiente e, fortemente dependente tanto da atividade agrícola quanto do serviço público.

Diante dos fatos, mesmo sendo uma cidade pequena, o comércio e os serviços passaram a influenciar novas relações econômicas em São Felipe. Entretanto, as relações de comércio na cidade ainda giram em torno da agricultura, principalmente, com a presença da feira livre que acontece às sextas-feiras e sábados, com forte influência na dinamização do comércio local. As relações de comércio/serviços e agricultura aparentemente desconexas, são inteiramente articuladas ao processo de reprodução do espaço urbano em São Felipe, haja vista, que as atividades agrícolas desempenham importante papel na geração de renda da população, bem como complementam as incipientes atividades comerciais e de serviços (LEANDRO, 2020).

O depoimento do Entrevistado E.C, dono de uma das maiores redes de supermercado na cidade, destaca essa influência da feira livre com a dinamização do comércio local:

Figura 1 – Mapa de localização de São Felipe no Território de Identidade Recôncavo, Bahia. Fonte: Mapa elaborado por Júnio Santos (LEANDRO, 2020).



Figura 2 – Feira livre no centro da cidade de São Felipe, Bahia. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

[...] A feira da rua é uma parceria porque a feira também nos ajuda. Essa feira de São Felipe que é uma feira muito boa, uma feira tradicional, ela agrega no sentido de trazer pessoas para vir fazer a feira e passa no mercado. Como nós também compramos coisa na feira. [...] Como a feira tem muito agricultor que tem a agricultura familiar, às vezes na minha casa, compra pessoal, tem coisa que eu não tenho aqui (*no mercado*) e, que a gente compra na feira também, e ajuda né. [...] Como eles também, os barraqueiros, todos são clientes nossos porque eles vendem os produtos deles, inclusive alguns, os que são produtores fornecem também algumas coisas para a gente: como a gente vende o inhame, a gente vende a batata doce, o jiló, quiabo, produtos produzidos aqui em São Felipe geralmente [...] E que muitos deles tem na sua barraquinha na feira. Então, existe uma parceria de amizade né, entre esse ramo de barraqueiros na feira municipal que é uma feira muito importante, muito boa e que agrega também pessoas de outra cidade, como o pessoal da zona rural de Maragogipe, o pessoal de Conceição do Almeida, até da cidade às vezes vem para aqui por ser uma feira mais variada. Isso aí agrega porque eles já tá na cidade e já entra na nossa empresa e faz sua compra também [...] (Entrevistado E.C, morador do Centro, entrevista realizada em 08 de outubro de 2019).

Por sua vez, a feira representa um dos elementos significativos de centralidade numa cidade pequena como São Felipe (Figura 2), pois movimentada as mais diferentes formas de relações no espaço urbano, desde as trocas comerciais à sociabilidade cotidiana do espaço de lazer para as pessoas que vivem na cidade e/ou na zona rural.

A relação de compra e de afetividade entre os indivíduos é algo que se torna mais intenso na apropriação do espaço da feira livre. Durante as pesquisas de campo, observações e entrevistas verificou-se que diferentes grupos de classes sociais se encontram no espaço da feira. Além das relações de troca e compra de alimentos, as pessoas frequentam esse espaço, também, com a intenção de encontrar o outro, amigos, parentes que residem na zona rural e/ou cidade vizinha, ou até mesmo, o vendedor de determinados produtos com o qual mantém uma relação de amizade, para *bater papo*, ter um momento de lazer.

Tal relação se evidencia na fala do Entrevistado R.L., empresário e representante da classe de renda relativamente mais alta na cidade, em resposta ao questionamento se frequentava a feira livre: “faço questão de frequentar para visitar, para conhecer, pra visitar os amigos, saio comprando na mão de um, na mão de outro, a folha, a verdura, carne, goiaba [...]. Eu gosto de frequentar a feira livre”<sup>5</sup> [...]. Contudo, há também aqueles que preferem comprar no supermercado do que ir à feira, alegando a facilidade de compra com cartão de crédito e *melhor qualidade do produto*.

[...] Deixo de comprar na feira para ir no mercado, a organização é bem mais cômoda, a qualidade, o preço também [...]. O pessoal prefere ir no mercado comprar porque tá tudo mais organizadinho, talvez, com a higiene melhor né? Condição de pagamento também melhor, porque no mercado o pessoal usa o cartão de crédito, de débito e tal [...] (Entrevistado A.L, morador do Centro, entrevista realizada em 04 de outubro de 2019).

De acordo com Sobarzo (2004, p. 168), a feira não deve ser reduzida ao seu sentido comercial, “[...] deve ser valorizada na sua capacidade de possibilitar a interação no espaço público de pessoas diferentes que se apropriam dela numa atividade cotidiana – as compras – e, dependendo de cada pessoa, permite variados graus de sociabilidade”. Apresenta-se, assim, como um espaço apropriado pela dimensão do uso e da troca e, mais do que o sentido comercial, ela representa a dimensão da vida, dos encontros, desencontros e das diferentes formas de sociabilidade.

Portanto, as diferentes relações socioespaciais constituem o espaço da cidade e suas significações. Nesse contexto, cabe pensar a produção do espaço da cidade conforme as contradições e possibilidades que se apresentam em meio às práticas cotidianas de apropriação e de uso. No segundo tópico busca-se discutir alguns aspectos das relações de sociabilidade e apropriação do espaço urbano de São Felipe.

### As relações de sociabilidade e apropriação do espaço em São Felipe

O movimento de reprodução das relações sociais no espaço vivido revela e/ou pode ocultar diferentes práticas de apropriação utilizadas pelos sujeitos em seu cotidiano. Como esclarece Certeau (1994), as atividades desempenhadas diariamente, na maioria das vezes, consideradas simples, podem ocultar elementos importantes para o entendimento das práticas cotidianas. Desse modo, práticas como habitar, caminhar, falar ou ir às compras representam delicadezas e astúcias desenvolvidas pelos indivíduos comuns, que de alguma maneira resistem às imposições dominantes da lógica capitalista de produção do *espaço homogêneo*.

<sup>5</sup> Entrevistado R.L., morador do Centro, entrevista realizada no em 04 de outubro de 2019.

Nesse sentido, parte-se do entendimento das *artes do fazer* como aquelas que dotam de sentido os espaços de uso, mediante a realização das práticas espaciais e suas relações de sociabilidade, convivência e conflitos que se reproduzem no cotidiano da cidade. Assim, serão apresentados alguns dados da pesquisa de campo referentes às práticas socioespaciais reproduzidas na cidade de São Felipe. As quais revelam características de como as ambiguidades das práticas e formas de representação se apresentam ao nível do cotidiano em meio às relações compartilhadas entre os sujeitos, uma vez que as relações de proximidade entre as pessoas e o lugar onde moram tanto podem contribuir para o estreitamento dos laços de amizade entre os vizinhos, como evidenciar constrangimentos e conflitos.

Os dados da pesquisa de campo demonstram que há um elevado grau de satisfação da população quanto ao fato de residir em São Felipe, pois 88% dos entrevistados afirmaram gostar de morar na cidade. Desses, 27% destacaram a condição de cidade *tranquila e sossegada* como elemento que as fazem gostar desse pequeno centro urbano. 12% relacionaram a convivência entre as pessoas e suas relações de solidariedade. Outros 12% ressaltaram o fato de morar próximo da família, relacionado ao sentimento de pertencimento com o lugar onde nasceu. E, dentre as outras afirmações, sobressaíram-se as falas: *me sinto bem aqui/ gosto de morar aqui* (8%); *é uma cidade boa* (6%); *facilidade de compras/ custo de vida baixo* (4%); *porque é a única opção no momento* (3%); *facilidade de ir nos locais/ tudo perto* (2%) etc. Tais afirmações são influenciadas pelas práticas espaciais dos sujeitos, percebidas ao consolidarem relações de pertencimento com o espaço vivido. “Gosto porque minha vida, minha família e meu trabalho estão aqui”<sup>6</sup>.

Geralmente, as pessoas se conhecem e são reconhecidas perante os outros com referência à família e/ou o espaço onde moram. Como ressaltava a fala da Entrevistada B.D, “[...] aqui é uma cidade pequena, mas muito boa de morar [...] aqui todo mundo é amigo, geralmente, todo mundo se conhece, sabe de quem você é filho, conhecem as pessoas e tratam bem [...]”<sup>7</sup>. Esta fala também representa mais um exemplo de como as ambiguidades das práticas cotidianas se reproduzem no espaço vivido, mediante a concepção da entrevistada de que *aqui todo mundo é amigo* generaliza-se uma satisfação social misturada a noção de *realidade tranquila* representada de forma geral, sem perceber as contradições.

Como o exemplo da contradição a respeito do discurso da violência estigmatizada que acaba por criar formas de segmentação social, na medida em que, as diferenciações de uso e ocupação dos espaços passam a se constituírem, mesmo que no imaginário das pessoas. Uma vez que, a cidade é tranquila com base no olhar da ordem distante, mas dentro da ordem próxima das relações entre os sujeitos com o espaço vivido há conflitos, sobretudo, nas formas de representações reproduzidas pelos moradores do Centro, ao caracterizarem os espaços mais segmentados socialmente como violentos e inseguros, mesmo afirmando não frequentar e/ou conhecer esses espaços. Pois, 24% dos entrevistados residentes no Centro afirmaram que os Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema são *bairros carentes/pobres e periféricos*; 20% representaram como *bairros violentos/ perigosos/ inseguros e discriminados*; e, 14% reproduziram o discurso *as pessoas falam que são violentos/ ouço falar que é perigoso* etc.

Todavia, os entrevistados que afirmaram não gostar de morar em São Felipe (12%)

relacionaram suas opiniões às ausências de *oportunidades*, sobretudo, trabalho e estudo. O fato de as pessoas morarem na cidade pequena e, de certo modo, manterem contato mais próximo com relação ao outro também é visto por alguns moradores como algo negativo. “Eu não gosto de morar em São Felipe por causa das pessoas que gostam muito da vida dos outros, aqui todo mundo conhece todo mundo e sabe o que você faz ou deixa de fazer, gostam de tomar parte!”<sup>8</sup>.

Prado (1995), em seus estudos a respeito dessas relações de proximidade, chegou a denominar a cidade pequena como *paraíso e inferno da personalidade*. Para a autora, o reconhecimento nas relações de vizinhança tanto pode contribuir para a sociabilidade no convívio social de forma harmoniosa, como também instigar os conflitos, na medida em que as pessoas passam a querer controlar a vida uma das outras. Todavia, conclui-se que o confronto dessas relações representa as próprias ambiguidades dos conteúdos sociais que se reproduzem no cotidiano.

Nesse contexto, infere-se que na cidade pequena a noção do urbano voltada para dimensão do uso e das relações de encontro entre os indivíduos se realiza de modo mais próximo no espaço vivido. Mas, tais relações também são permeadas pelas ambiguidades dos conteúdos sociais que precisam ser desvendados. Como afirma Lacombe (2008, p. 166), “[...] a ambigüidade é uma situação social, dada no interior de um grupo, em que o indivíduo adota uma certa indiferença em relação às contradições e conflitos, percebidos como meras diferenças. [...]. Enquanto situação social [...] nunca é percebida enquanto aquilo que ela é”.

Para Soares e Melo (2010, p. 245), “o conhecimento íntimo e a proximidade entre as pessoas, nas pequenas cidades, se estendem às diversas dimensões da vida local, como nas referências para a localização de endereços nas cidades, nas atividades comerciais e nas relações políticas [...]”. Para tanto, observa-se que em São Felipe, é comum a presença dessas relações de personalidade que influenciam diretamente na dimensão da vida cotidiana em diferentes aspectos, sobretudo, nas atividades comerciais, busca por emprego, relações sociais e políticas. Mormente, porque as opções de emprego são bastante restritas, e a *Prefeitura* é vista como o principal empregador na cidade. Percebe-se a influência dessa relação no relato de uma das entrevistadas que, ao ser questionada se São Felipe oferece opções de emprego, afirmou: “[...] aqui a gente não tem. Tudo que tem pra arrumar é numa prefeitura, secretaria, escola, essas coisas assim [...], mas é tudo apadrinhado [...] aqui é terrível essa questão [...]”<sup>9</sup>.

Esse tipo de relação apontada pela entrevistada revela a forma como as práticas clientelistas e patrimonialistas se reproduzem com maior visibilidade nas cidades pequenas, uma vez que os interesses pessoais na maioria das vezes sobressaem aos interesses públicos, as quais “[...] carregam marcas profundas do coronelismo, do patrimonialismo, dos favorecimentos pessoais e das relações de dependência da população para com o poder local” (MELO, 2008, p. 379). O relato do Entrevistado M.S, morador da Jurema, aborda elementos importantes sobre essa questão de favorecimento político e da relação de personalidade estabelecida com moradores. Apesar de não ser um caso específico da cidade pequena, evidencia-se que tal relação se torna mais recorrente nesse espaço, sobretudo, com o exercício da prática de apadrinhamento de pessoas sem qualificação necessária para ocupar cargos públicos.

<sup>6</sup> Entrevistada C.C, moradora do Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019.

<sup>7</sup> Entrevistado B.D, morador do Centro, questionário aplicado em 30 de abril de 2019.

<sup>8</sup> Entrevistada S.P, moradora do Centro da cidade, questionário aplicado em 15 de abril de 2019.

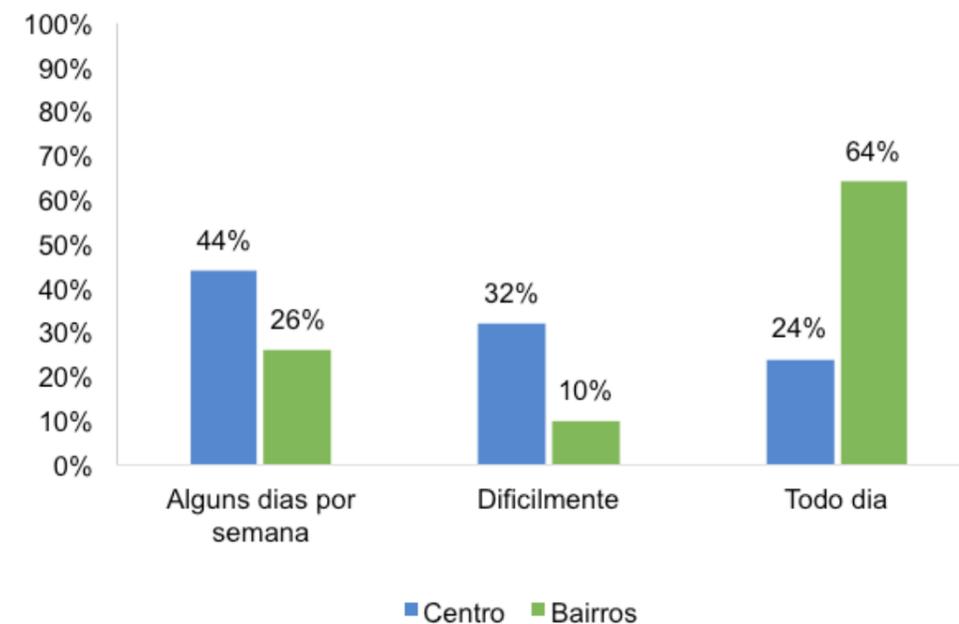
<sup>9</sup> Entrevistada B.C, moradora do Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019.

[...] se você passa nas ruas em época de política e você olha para um político, ele já vem te abraçar. Passou as eleições e ele ganhou, filha, ele só passa de vidro fechado! Você chama até para pedi uma informação sobre qualquer outra coisa, ele já não ouve mais você. E, é assim, isso tudo cria revolta, entendeu?! [...] Na realidade, os políticos chegam na sua casa com mil e uma propostas, que vai fazer e que vai acontecer, e depois simplesmente, eles só buscam melhoras no salário deles. E quanto a você, você que se lixe, e vá estudar e fazer por merecer [...] até os concursos públicos, hoje, que tá mais raro [...] hoje, talvez não seja como antes, mas sempre teve 'padrinagem' né! A gente não pode provar em dizer isso e aquilo, mas a gente sabe que sempre teve 'padrinagem'. Devido às pessoas que trabalham em cargo público e que nem todo mundo sabe o que tá fazendo naquela área [...], até essas pessoas que trabalham em cargo público que você chega lá para pedir uma informação e elas não sabem te dar, não sabem nem para quer estão ali. E isso tudo, justamente, é culpa de político. Porque compram o voto dessas pessoas oferecendo oportunidade de trabalho, e aí quando vem um concurso público, eles se responsabilizam em botar essas pessoas, onde tem outros corruptos por trás disso que recebem alguma propina ou oportunidade de trabalhar em outro local melhor e assim vai [...]. Com isso, o Brasil só tem a regredi né, a gente não pode crescer se eles também não fazem com que a gente cresça, não nos dá oportunidade de crescer [...] (Entrevistado M.S, morador da Jurema, entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019).

Em meio a representação de que as pessoas em São Felipe se conhecem e/ou são reconhecidas perante os outros, a comunicação é uma prática corriqueira na vida cotidiana dos sujeitos. Porém, a intensidade com que essa prática se realiza no cotidiano da cidade pequena também se diferencia conforme os espaços de moradia das pessoas. No Gráfico 1, observa-se que o hábito de conversar com os vizinhos no dia-a-dia dos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema corresponde a intensa densidade comunicacional. Dos 50 entrevistados residentes nesses bairros, 64% afirmaram conversar com seus vizinhos todos os dias; 26% afirmaram ser alguns dias por semana e 10% assinalaram a opção dificilmente. Em comparação às respostas dos moradores das áreas mais centrais, apenas 24% dos entrevistados têm o hábito de conversar com os vizinhos todos os dias; 44% disseram conversar alguns dias por semana e 32% relataram que dificilmente têm esse hábito.

Com base em Certeau (1994, p. 50), “[...] as conversas são práticas transformadoras [...] criam sentidos diferentes. [...] é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’”. Sendo assim, ao considerar os espaços *habitáveis* como aqueles apropriados pelos indivíduos para o uso e nos quais a comunicação está presente como arte de manipular os *lugares comuns*, observa-se que essa prática amplia de forma mais intensa as relações de convivência social nos bairros populares, como exemplifica o relato de uma moradora da Urbis ao ser questionada se tem o hábito de conversar com os vizinhos: “Toda hora, se um não aparecer durante o dia a gente vai na porta [...] fulano, tem café?! [...] Quando uma não tem, a outra tem (risos) [...]”<sup>10</sup>.

10 Entrevistada M.J, moradora da Urbis, entrevista realizada em 30 de abril de 2019.



Nesse sentido, “a comunicação não se encerra na fala do sujeito; essa é apenas uma das formas de conversação, pois os gestos, silêncios, risos, pausas, tudo tem um significado a ser compreendido, ampliando o entendimento das experiências sociais” (GAMALHO, 2009, p. 25). Como destaca a autora, essa relação de vida comunitária é importante estratégia de sobrevivência em meio a necessidade da solidariedade, onde as relações de vizinhança agregam “[...] valores que não participam da ordem capitalista do solo urbano, são valores para as pessoas que os vivenciam” (GAMALHO, 2009, p. 115).

Nas variadas atividades práticas realizadas pelos sujeitos no seu dia-a-dia, sejam aquelas mais banais como “[...] sair de casa e caminhar até a padaria, ao bar ou a quitanda do bairro, até a praça, até a casa da vizinha; ou crianças que mais frequentemente brincam nas ruas [...]”, a apropriação para o uso se realiza, relacionada ao corpo e aos sentidos (SOBARZO, 2004, p. 152). Corresponde ao espaço vivido e praticado pelas relações corpóreas de que trata Lefebvre (1991).

Para tanto, são nas relações de bairro, nos contatos diretos com as pessoas que o sentido do espaço vivido se realiza para além do espaço privado da casa. Como observou-se na ação da moradora da Urbis, que durante a entrevista na varanda de sua casa, pede uma pausa e vai até a casa da vizinha ao lado pegar uma roupa no chão que caiu do varal. “Pera aí! deixa eu pegar aquele lençol ali minha filha, a vizinha não tá em casa [...]”<sup>11</sup> A senhora relata que quando alguém do bairro passa mal, o vizinho vai na casa fazer um chá, arrumar uma casa, lavar a louça, fazer uma comida etc. São práticas aparentemente banais, mas carregam em si a representação simbólica do sentimento de aproximação com o outro, das relações de vizinhança e de vínculo com o espaço cotidiano. São experiências compartilhadas de maneira espontânea pelas quais as pessoas se conhecem e participam da vida uns dos outros.

11 Entrevistada M.J, moradora da Urbis, entrevista realizada em 30 de abril de 2019.

Gráfico 1 – Opinião dos entrevistados sobre o hábito de conversar com os vizinhos no dia-a-dia da cidade, São Felipe, Bahia. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Nessa perspectiva, ao apropriar-se do espaço as pessoas consolidam relações sociais conforme as suas necessidades e possibilidades para reprodução da vida. E nesse contexto, as práticas da comunicação, dos encontros pelas ruas, das atividades desenvolvidas em conjunto caracterizam elementos importantes para (re)produção do espaço vivido na cidade, de modo especial na cidade pequena. Portanto, a produção social do espaço nos pequenos centros urbanos envolve múltiplas dimensões de análise e o entendimento das relações de sociabilidade e apropriação das práticas cotidianas é um caminho possível para se chegar à compreensão do espaço urbano de forma mais ampla.

### Considerações finais

As discussões apresentadas neste trabalho apontam à importância da análise das práticas espaciais e das relações de sociabilidade para o entendimento da (re)produção do espaço na cidade pequena, sobretudo, por revelar aspectos de como a vida cotidiana acontece (mudanças no conteúdo social e tendência ao processo de segmentação nas formas de produção e uso do espaço). Uma vez que, as práticas de apropriação dos diferentes espaços na cidade revelam como as formas de segmentação social operam no cotidiano, mediante os conflitos de classe evidenciados nos discursos camuflados e banalizados pelas atitudes ambíguas, que de algum modo se passam despercebidas nas experiências do espaço vivido pelos indivíduos.

Nesse sentido, a análise crítica do cotidiano não se resume apenas às atividades repetitivas e banais do dia-a-dia. O cotidiano envolve uma totalidade de relações que devem ser apreendidas em sua complexidade, sobretudo, as dimensões da cotidianidade apontada por Lefebvre, que envolvem o trabalho, a família e o lazer como movimento da vida social. E, é no espaço vivido, que essas relações sociais ganham sentido e influenciam não só na produção espacial da cidade, mas também, na reprodução da vida. Uma vez que, a realização das relações de sociabilidade, seus conflitos e contradições, acontece nas práticas espaciais.

Sobre a realização das relações sociais na prática espacial, com base nos trabalhos de campo e discursos dos moradores revelados nas entrevistas e questionários, foi possível observar que em São Felipe, as relações de sociabilidade são compartilhadas entre os sujeitos, seja nas ajudas mútuas entre os vizinhos, nas práticas da comunicação, nos encontros pelas ruas e nas atividades desenvolvidas em conjunto que caracterizam relações de vizinhança na cidade para além do espaço privado da casa. Ao apropriar-se do espaço, as pessoas consolidam as relações socioespaciais conforme suas necessidades e possibilidades para reprodução da vida, ao mesmo tempo, que podem ressignificar as condições do espaço programado que lhes são impostas.

Para tanto, destaca-se a relevância da análise das relações de sociabilidade e das práticas espaciais como caminho metodológico para interpretação das complexas relações que envolvem o cotidiano da cidade e do modo de vida urbano, sobretudo, das cidades pequenas no contexto dos estudos urbanos contemporâneos. A leitura superficial associada às questões demográficas e dimensão territorial equivocadamente utilizadas para definir uma cidade pequena precisa ser superada, essa análise fragmentada não é capaz de explicar a complexidade do processo de produção e das relações socioespaciais presentes nesses pequenos centros urbanos. Como foi possível observar neste estudo sobre São Felipe, que apresenta diversas características comuns às cidades pequenas, porém, as condições de produção e das práticas espaciais não são homogêneas, uma vez que cada cidade possui suas

particularidades no contexto da reprodução social e estruturação urbana. Além de que, as funções desempenhadas por esse perfil de cidade também são variadas e a origem do processo de formação espacial se diferencia.

Trata-se de uma temática complexa, que precisa ser pensada de forma ampla, interpenetrada ao movimento dos processos socioespaciais, políticos e econômicos imbricados na produção do espaço cotidiano. Este estudo contribui para o entendimento da (re)produção do espaço da cidade pequena, as relações sociabilidade e das práticas espaciais cotidianas, elementos indispensáveis para análise crítica das questões urbanas contemporâneas. E as questões levantadas no decorrer do texto revelam possibilidades para futuras pesquisas.

### Referências

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. A análise da pequena cidade sob o ponto de vista político-administrativo. In: DIAS, Patrícia C. SANTOS, Janio. (Org.). *Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos*. Salvador: SEI, 2012, p. 81-102.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. *Pequenas cidades na região de Catanduva-SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias*. 2004. 348 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço – tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ENDLICH, Ângela Maria. *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná*. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. *Revista Eletrônica Geoaraguaia*. Barra do Garças-MT. V 8, n.1, p. 13 - 31. Janeiro/Junho, 2018.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. *Mercator*, Fortaleza, v. 9, n. 20, 2010, p. 75-81. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2021.

GAMALHO, Nola Patrícia. *A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no Bairro Restinga*. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HENRIQUE, Wendel. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias. In: LOPES, Diva Maria Ferlin e HENRIQUE, Wendel (Org.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010, p. 45-58.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292870>, acesso em: 23 de agosto de 2018.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. *Cidades pequenas e indústria: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP*. 2011. 282 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

LACOMBE, Marcelo S. Masset. Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano. *RevistaOutubro*. Ed. 17. Jun. 2008. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-17-Artigo-05.pdf>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.

LEANDRO, Maiara Cerqueira. *A produção do espaço da cidade pequena: das representações socioespaciais à apropriação das práticas cotidianas em São Felipe - BA*. 2020. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGE, Vitória da Conquista, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. (1968). *A vida cotidiana no mundo moderno*. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MELO, Nágela Aparecida de. *Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas*. 2008. 527 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. *As cidades pequenas na Região Metropolitana de Campinas – SP: dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re) produção do espaço*. 2014. 311f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

PRADO, Rosane Manhães. Cidade Pequena: Paraíso e Inferno da Pessoaalidade. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n° 4, Rio de Janeiro, 1995, p. 31-56.

ROMA, Cláudia Marques. *Segregação socioespacial em cidades pequenas*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, Janio. Contribuição teórico-metodológica ao estudo das pequenas cidades, com base em pesquisas sobre a Bahia. In: BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro (org.). *Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas*. 1ed. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 52-84.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES,

Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (org.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010, p. 229-250.

SOBARZO, Oscar Alfredo. *Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente*. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. São Paulo, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. *Cidades pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais*. Jundiaí: Paco Editorial: 2013.